MUSEU DO FUTEBOL

CRFB Centro de Referência do Futebol Brasileiro

Relato de Campo

Associação Atlética Açucena

Data: 18/07/2012
Entrevistados (nome/função):
Luiz Dirceu Pelaes (professor de geografia aposentado/ filho de um dos associados do A.A. Açucena, Luiz Pelaes).
Pesquisadores: Aira Bonfim e Maria Helena Menezes Garcia
Redator: Aira Bonfim
Revisor: Nahema N. Falleiros

Resumo

A Associação Atlética Açucena (A. A. A.) é um time de várzea paulistano formado em 1924. A história desse time está diretamente ligada à formação do bairro do Limão, Zona Norte da cidade de São Paulo. Por décadas, o Açucena treinou no campo cedido pela Paróquia Santo Antônio, em um terreno de pouco valor econômico, encharcado pelas extintas curvas do rio Tietê.

Nesse reduto do bairro formaram-se fiéis torcedores, jogadores, entusiastas e associados dessa agremiação. O time chegou a ter sede própria, em frente à igreja. Nesse local, reuniões, bailes e confraternizações eram organizados. Parte da memória do time permaneceu por muitos anos nesse endereço - flâmulas, fardamento, fotografias, certificados e troféus - , quando, no início da década de 1970, perdeu o seu campo e foi obrigado a fechar as portas de sua sede, dividindo entre os associados, todo o patrimônio do time.

O time do Açucena liderou os principais campeonatos de futebol amador durante as décadas de 1940 a 1950. Coleciona títulos dos campeonatos de futebol, organizados pela Federação Paulista de Futebol. A fama desse time ganhou a cidade com a ajuda dos vinte caminhões de areia que transportavam torcedores fanáticos do bairro do Limão na época. Ao chegar ao local onde as partidas eram realizadas, colocavam-se em coro, atrás do gol adversário.

A entrevista foi realizada com Dirceu Pelaes, professor de Geografia e coordenador de ensino aposentado, formado pela Universidade de São Paulo. Dirceu é filho de um dos últimos associados, envolvidos na direção da Associação Atlética Açucena, Luiz Pelaes. Lembra-se da atuação do time no bairro em que cresceu, mas pelo qual nunca jogou. Com o falecimento do pai, passou a ser o detentor do acervo referente ao famoso time do bairro do Limão. Nos últimos anos, Dirceu recolheu todo e qualquer tipo de material ligado a A. A. Açucena, desde cópias de fotos entre amigos e conhecidos, até recortes da Gazeta Esportiva da década de 1940.

A entrevista aconteceu do dia 18 de Julho de 2012, às 15 horas, na casa do entrevistado no bairro da Casa Verde, vizinho ao bairro do Limão. O entrevistado levou as pesquisadoras para conhecerem a Paróquia Santo Antonio, onde surgiu o campo de futebol de várzea. E na sequência, conduziu-as à casa de sua mãe, no mesmo bairro, onde guarda materiais do time

recolhidos pelo pai.

O Açucena liderou os campeonatos amadores entre as décadas de 1940 a 1960. Mesmo extinto, o time ainda comprova, através de seu acervo, a importância do futebol amador na formação do bairro do Limão. Além disso, seu acervo revela outras formas de se torcer, vestir, jogar e praticar o futebol amador na cidade de São Paulo.

É um dos times mais antigos mapeados até o momento pelo Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), além de possuir uma grande quantidade e variedade de objetos em seu acervo.

O time Açucena foi indicado por Hélio Pires, participante da feira de antiguidades que acontece no vão do MASP, à pesquisadora Karina Alves. Hélio sugeriu o nome de Dirceu Pelaes por considerá-lo portador da história do time e proprietário do acervo sobre o time do bairro do Limão.

Relato

No início do século XX, quando ainda havia curvas no traçado do rio Tietê, o crescimento da cidade de São Paulo adaptava-se aos terrenos encharcados, típicos dessa geografia. O centro, localizado em uma região mais alta da cidade e com crescimento urbano acelerado, encontrava-se distante de outros bairros, ainda em formação.

A mesopotâmia paulista resultou dos 2 grandes rios que atravessavam São Paulo: o rio Tietê e o rio Pinheiros. O deslocamento da população paulistana para as diferentes regiões da capital era muito difícil nesse período marcado pela escassez de pontes e transportes urbanos. Os terrenos próximos ao rio, encharcados em ocasiões de cheia, não ofereciam valor econômico algum até o século XIX.

Em um desses terrenos, na antiga Avenida Tomaz Edson (hoje Avenida Professor Celestino Bourroul), no bairro do Limão, foi construída a Paróquia Santo Antônio, sob a responsabilidade do Pároco Vitorino Gandara Mendes. Nos fundos da igreja, um terreno ocioso foi transformado na metade de um campo de futebol cuja outra parte seria completada com a anexação de um terreno particular, por meio de um acordo entre seu proprietário e a igreja, a fim de possibilitar o uso recreativo e esportivo do espaço pelos moradores do entorno. Foi assim que a Associação Atlética Açucena (A. A. A.) surgiu em 08 de agosto de 1924.

A fundação do A. A. Açucena ocorreu um mês após a extinção do Açucena Clube, agremiação carnavalesca também conhecida como Flor do Limão formada em 1912, no bairro da Barra Funda e representada pelas cores alviverdes. Os nomes dos dois clubes homenageiam a flor de Açucena, planta robusta de coloração vermelha e branca. O time de várzea A. A. Açucena fez uso, na criação de seu fardamento, dessas cores. Também se especula que a escolha cromática está relacionada ao São Paulo Futebol Clube, time favorito da maioria das famílias fundadoras do time.

Segundo Dirceu Pelaes, filho de Luis Pelaes, presidente do conselho deliberativo do Açucena, o pai sugeriu sutilmente a colocação de um "filete preto" no fardamento vermelho e branco, acentuando a preferência e admiração pelo time tricolor (as pesquisadoras encontraram fotografias de

crianças que jogavam nas categorias infantis com uniforme do SPFC, durante os treinos realizados no campo do A. A. A.).

Dirceu Pelaes tornou-se detentor do acervo e da história do Açucena. Seu pai, assim como ele, nunca jogaram no time do bairro do Limão, porém, estão intrinsicamente ligados à história do clube. Desde a morte do pai, Dirceu passou a organizar e coletar o que ele considera ser uma parte importante do patrimônio da sua família e do seu bairro. Sob sua posse, estão documentos e atas, assim como relíquias "mumificadas" na casa de sua mãe, como dois conjuntos de fardamentos (inclusive a camisa de goleiro) usados no período final de atuação do time - possivelmente nos anos 1960 - e mantidos em cima de um armário do banheiro da oficina de carros de seu pai.

Dirceu fez cópias coloridas de fotografias relacionadas ao time, que datam de 1930, a partir dos acervos e materiais recolhidos entre familiares e conhecidos do bairro. Outros dois objetos interessantes, encontrados pelas pesquisadoras, foram o álbum de recortes de jornais e um troféu em sua caixa original. A pasta contém matérias sobre a A.A.A., recolhidas de jornais como a Gazeta Esportiva e o extinto O Dia, com textos assinados por Basílio Spósito, conhecido pelo apelido de Babo - jornalista esportivo, especializado no futebol amador da década de 1940.

Esse álbum foi organizado por um dos ex-jogadores do Açucena já falecido, Natale (citado e caricaturado em muitas matérias desses jornais). Dirceu salvou a pasta em um amontoado de jornais em via de ser consumido pelo fogão a lenha da família de Natale. Desde então, cuida desse material como se fosse um verdadeiro tesouro. Dirceu também tem em sua posse um troféu de metal muito peculiar, que imita uma pequena bola de couro com cadarços, com duas medalhas de formatos diferentes. Esse troféu é fruto de uma competição amistosa de aniversário entre o A. A. Açucena e o Nacional Atlético Clube, na data de 08 de Agosto de 1965.

O depoimento de Dirceu e o acervo sobre o time, com ele encontrados, ajudam a entender a relação do time do Açucena com uma das primeiras igrejas do bairro do Limão. O campo da Paróquia Santo Antônio recebia o time Ozanan para jogar aos sábados a tarde. Esse time era formado por cruzados, padres e marianos. As manhãs de domingo eram ocupadas pelas crianças das categorias infantis do A. A. Açucena, e posteriormente, o Extra, time formado por veteranos e adolescentes. O horário "nobre" citado por Dirceu,

em que os pequenos morros do entorno do campo eram transformados em arquibancadas pelas famílias do Limão, acontecia entre as 15 e 16 horas para o jogo da categoria principal do Açucena: o Sport.

O time do Açucena era composto por negros, descendentes de imigrantes, trabalhadores, operários e comerciantes. A área de lazer do bairro do Limão resumia-se ao entorno criado em volta da igreja e do campo de futebol. Era um local de encontro e confraternização. Poucos ônibus se deslocavam para o centro da cidade de São Paulo. A fama do time passou a proporcionar disputas entre o time da casa e times de outras regiões da cidade, e para isso, caminhões de areia eram disponibilizados para levar o time e suas torcidas para esses campos. Nos jornais da época, como o Gazeta Esportiva, conta-se que cerca de vinte caminhões repletos de torcedores eram deslocados para os bairros mais distantes.

A fase áurea do time da A. A. Açucena aconteceu nos anos de 1940 e 1950, período em que foi campeão da Subdivisão Barão do Rio Branco (1943 e 1945); Campeão da Divisão Principal de Amadores da Federação Paulista de Futebol (1946, 1947, 1948 e 1950); Campeão da Primeira Divisão de Amadores da Federação Paulista de Futebol (1952 e 1953); Campeão Amador da Capital de São Paulo de 1951; Vice Campeão Amador do Estado de São Paulo de 1951 (ocasião em que foi derrotado pelo time amador Ponte Preta de Campinas); Vice Campeão da Primeira Divisão de Amadores da Federação Paulista de Futebol (1954, 1955 e 1956) e Campeão da Série Azul (1957 e 1958).

O A. A. Açucena manteve-se sempre entre os primeiros colocados até o ano de 1969, classificando-se em terceiro lugar na Primeira Divisão de Amadores da Federação Paulista de Futebol, quando deixou de participar dos campeonatos por falta de campo. Além de fotos e jornais, Dirceu também guarda medalhas conquistadas nos campeonatos organizados pela Federação Paulista de Futebol (Campeonato da Primeira Divisão de Amadores); atas de fundação, ficha de cobranças dos associados; flâmulas; desenhos de teste de fardamento e cópias de um álbum de figurinhas de futebol de várzea (times de várzea de destaque das décadas de 1940 e 1950). Um majestoso troféu do qual não se sabe mais do paradeiro, produzido pela Rádio Panamericana, foi ganho no concurso "Clube Mais Querido da Várzea Paulista".

O time do Açucena ganhou fama para além dos limites do bairro do Limão. Jogadores de outros bairros, como os próprios vizinhos da Casa

Verde, escolhiam o time do Açucena para jogar em razão do prestígio no meio amador do futebol da época. Nos jornais há citações sobre convites feitos aos jogadores do A. A. A. para atuarem em outros clubes também. O time é apresentado nas matérias como: "o recordista", "a pujante agremiação viciada nas conquistas" e "quase intransponível".

Seus principais rivais do período eram o Sete de Setembro da Freguesia do Ó, Lapianinho da Lapa, Carlos Gomes da Barra Funda e Guapira da região Norte. Com os anos, além da popularização do time do Açucena, cresceu também a quantidade de fiéis da Paróquia Santo Antônio. Ao lado da pequena capela foi construída uma igreja maior, no mesmo terreno, por volta de 1955 ou 1956. Mesmo sem reboco e pintura, a igreja foi inaugurada e o prédio antigo transformado no cinema Ozanan. As sessões aconteciam principalmente aos fins de semana e as quartas-feiras. As crianças que frequentavam as missas nos domingos de manhã ganhavam ingresso para assistir a desenhos animados na sequência da missa. Padre Vitorino era responsável pela projeção e escolha dos filmes (desenhos, filmes religiosos e filmes internacionais). Além das partidas de futebol, missas; carnavais; sessões de cinema e quermesses aconteciam na mesma circunferência da Avenida Tomaz Edson.

O time do Açucena passou a ocupar o segundo andar da padaria localizada em frente à igreja. Nesse endereço a diretoria do clube se reunia para organizar jogos e tomar decisões a respeito do time. Expunham seus troféus, medalhas e certificados de participação em ligas e festivais. A sede também serviu para a promoção de bailes dançantes e reuniões dos atletas e da comunidade limoense.

Entre as fotografias reunidas no acervo de Dirceu, é possível observar a modificação da pequena capela da igreja para a nova edificação. O que ficava ao lado do campo não mais existe e o cercado de madeira que dividia a área do campo e dos torcedores também não existe mais. Na data da visita, Dirceu levou as pesquisadoras para conhecerem o que restou do campo e a Paróquia Santo Antônio. O campo desapareceu. Foi transformado em estacionamento e, próximo a ele, se encontra a Escola Oficial do Corinthians: "Chute Inicial", escola de futebol infantil destinada a alunos de 04 a 16 anos.

A igreja resistiu ao tempo com modificações que datam dos períodos em que cada reforma aconteceu. Dirceu defendeu que, para o seu pai, o time

do Açucena nunca acabou. Mas a perda da metade do terreno particular do campo de futebol do Açucena foi narrada como o fato que marcou o fim do time. Sem lugar para jogar, as atividades e os treinos foram comprometidos no ano de 1969. O Açucena, já sem campo, viu-se obrigado a fechar sua sede social e seus troféus e diplomas foram recolhidos às casas de seus últimos diretores entre eles: o Dr. Álvaro Simões de Souza e Florentino Carvalho de Lima.

Outro terreno, na Rua Jacofer 615, onde se localiza hoje o Centro de Tradições Nordestinas (CTN), foi cedido pela prefeitura ao time. Por impedimentos burocráticos, o espaço nunca foi ocupado e aos poucos, perdeu-se no esquecimento.